ARTE DA PINTVRA.

& dos Materiaes do passado ao prezente

Composta por
Francisco Chinita, em Évora

EM ÉVORA, ANNO DE 2014

Prologo aos Pintores.

QVANDO aprendi eſtes principios, & pratica da Pintura, não foy minha tenção ſaindo com ella a luz enſinar a os Sabios, & peritos na Arte, mas sò a os que aprendem, & a os curioſos della. Moueume a iſto ver a falta que ha de quem trate eſta materia, & aſſi quiz dar motiuo a os que mais ſabem, de ſairem a luz com mais experiencias, para q̃ aſſi não cuſte tanto a os aprendiſes aquẽ ordinariamente os Meſtres eſcondem os ſegredos da Arte, & para que aſſi mais depreſſa ſe ſayba. Por onde lhes digo aqui breuemente o mais cõmum, & que mais comumente ſe coſtuma a vzar, porque vzando irão deſcobrindo mais ſegredos. Pera os Meſtres podem ſeruir os principios da Perſpectiua, por ſerem tão importantes para o bom vzo della, & juntamente a Symmetria de que ha tanta falta nos liniamentos, que ainda Pintores que ſabem muyto bem colorir, os não ſabem, dõde vem auer tantas imperfeiçoẽs nas figuras. Emmende, & acreſcente quem ſouber, & aprenda quem não ſouber, & todos dem Gloria ao Senhor. Qui viuit, & regnat per omnia ſæcula ſæculorum.

Philippe Nunes - 1615

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

PO'de-ſe reimprimir o livro, que ſe aprezenta, intitulado: *Arte da Pintura*, e depois voltará conferido, para ſe dar licença que corra; e ſem ella não correrá. Lisboa 18. de Settembro de 2014.

INDEX

DO QUE SE CONTEM
neſte livro.

Têmpera de ovo

Pintura a Oleo

A Sanguinea

O Bistre

A Sépia

O Carvão

A Ponta de Prata

A Pedra Negra

A Aguarela

O Aguaccio

O Lápis de Grafite

O Lápis-de-Espanha

O Crayon

A Tinta-da-China

A Aguada

O Pastel Seco

O Pastel de Oleo

O Lápis de cera

O Lápis de cor

A Caneta Técnica

O marcador de desenho

Final

A Têmpera de Ovo

A "Têmpera de Ovo" é um meio de Pintura que vem da época Bizantina e da pintura de Ícones, mas foi na Idade Média italiana que se tornou mais conhecida, não só nos frescos e retábulos mas também nas iluminuras dos livros sagrados.

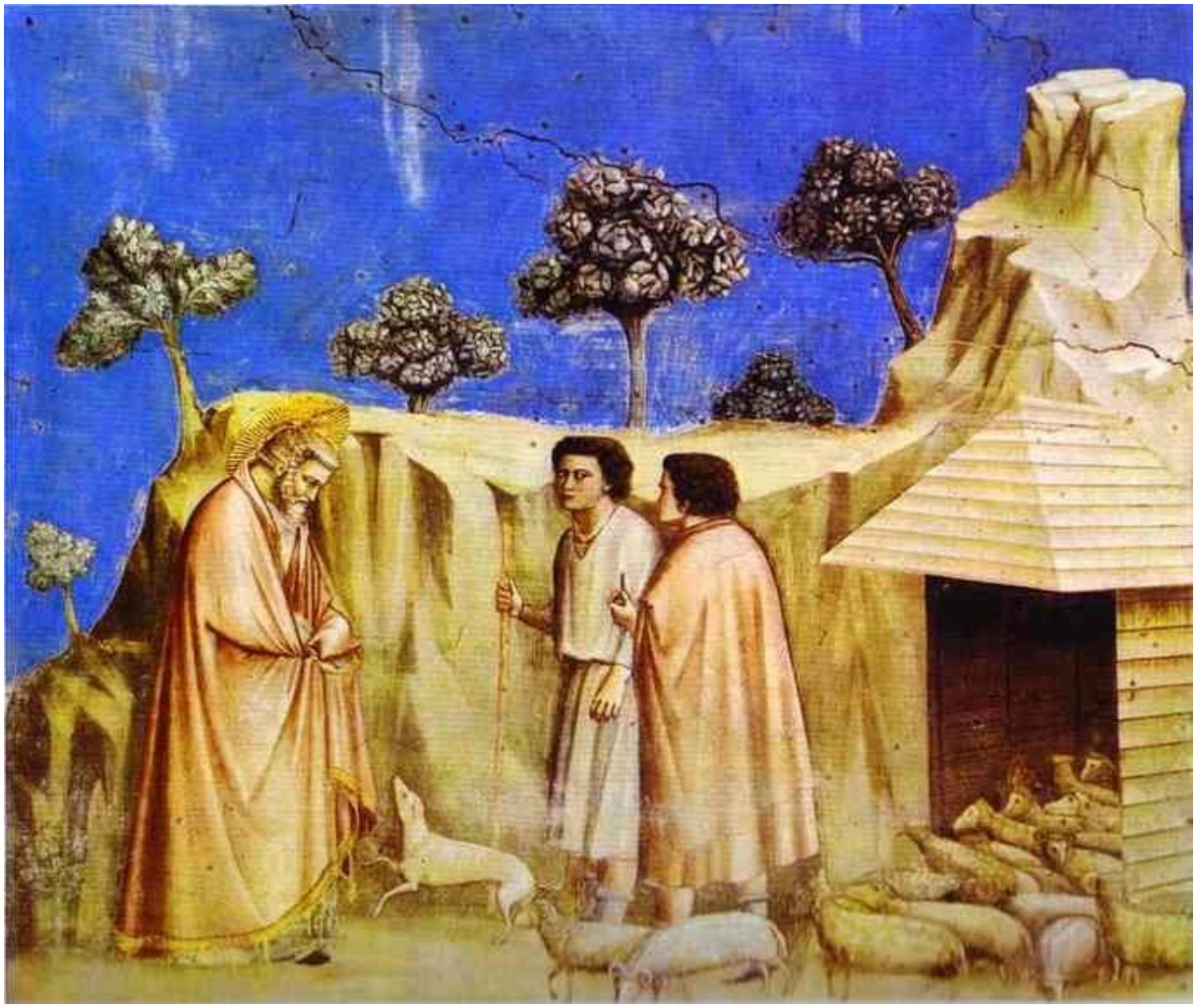
A Têmpera é uma tinta que tem a gema de ovo e a água como aglutinante e diluente do próprio pigmento. A superfície pictórica deve ser coberta de gesso. Nos frescos pintava-se diretamente sobre esse mesmo gesso.

O efeito da pintura, depois de seca, é de uma superfície esmaltada, dura e fina. As cores são vibrantes e aclaram com a secagem. Pode-se aplicar verniz para proteção.

Na atualidade ainda se pinta a Têmpera de ovo onde podemos alterar a receita primitiva: A emulsão moderna, se pretendida, consiste em gema de ovo, à qual juntamos parte igual de Água destilada e Verniz Damar. Esta emulsão deve ser guardada no frigorífico. Para fazer a tinta junta-se um pouco da emulsão ao pigmento que vem amassado com a espátula ou a moletade vidro até obter uma tinta cremosa e homogénea.

Obtemos assim uma pintura melhor e mais resistente que a primitiva, para além de um brilho natural ao secar. Como diluente, se necessário na hora de pintar, utiliza-se água ou a própria emulsão do fabrico da Têmpera.

Na imagem abaixo, um fresco de Giotto, "A Visitação", pintado em 1302-1305. Capella degli Scrovegni,em Pádua, Itália.



A Pintura a Óleo

A tinta a óleo aparece no século XV. Em 1410 foi atribuído aos irmãos Van Eyck, pintores flamengos, a invenção da tinta "brilhante" a óleo, misturando óleo secante (linhaça) ao pigmento, técnica que ainda hoje é usada. Pouco a pouco as têmperas de ovo são parcialmente esquecida e a técnica a óleo, que ao longo de gerações se foi refinando, ganhou o lugar de destaque que ainda tem. É a tinta artística mais utilizada no mundo não sendo suplantada por nenhuma outra, nem por nenhuma técnica pictórica, mais moderna até à atualidade.

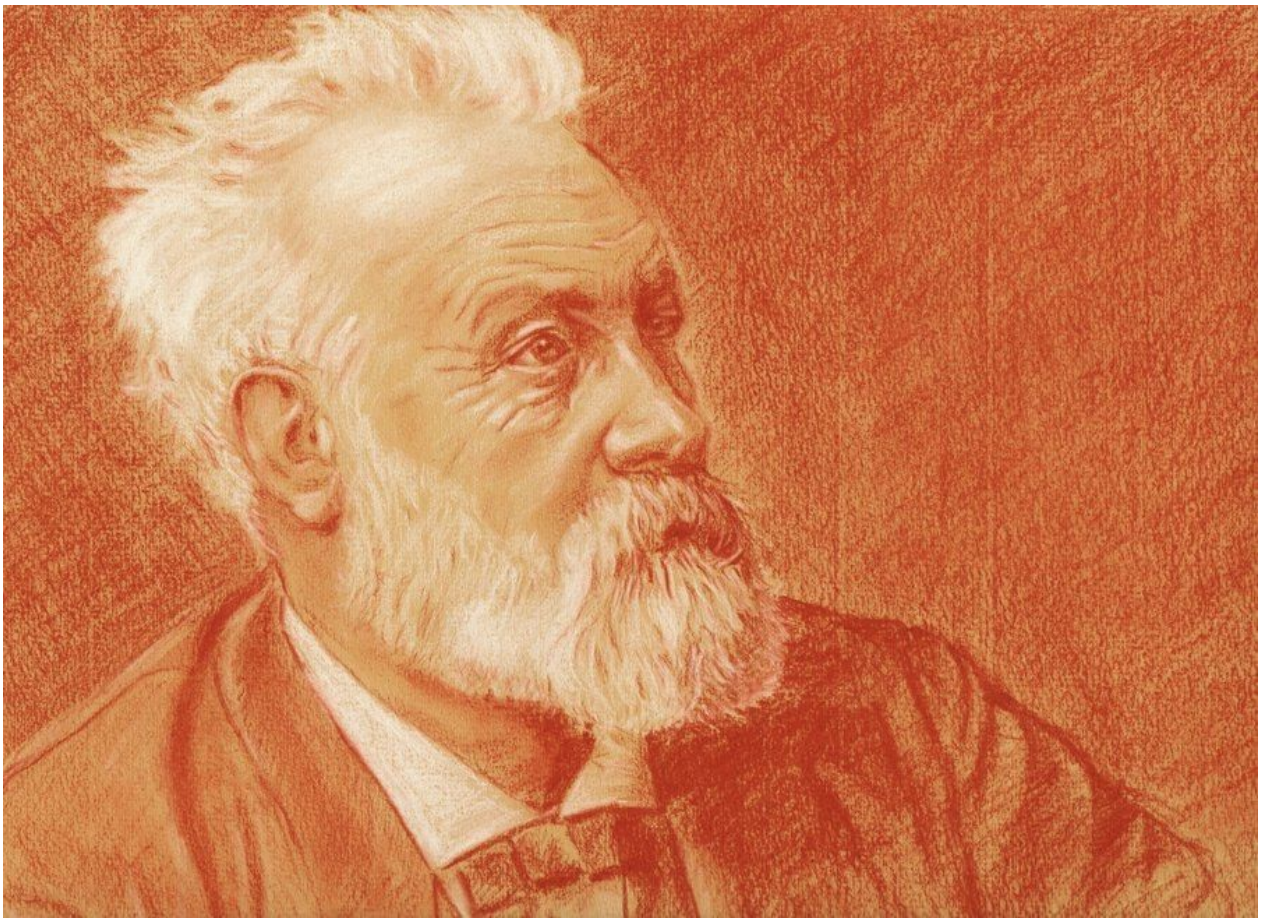
O necessário para fabricar a tinta a óleo de excelente qualidade é bem simples embora o mercado nos ofereça uma infinita gama de cores e tonalidades. Para o fabrico é necessário óleo secante que pode ser de linhaça, o mais usado por ser elástico mas que amarelece com o tempo, o óleo de papoila, retardante na secagem, o óleo de noz, que nos oferece uma película quebradiça e o óleo de Cártamo que, segundo consta, é o mais perfeito dos óleos. Junta-se óleo ao pigmento que vem amassado com a moletade vidro ou a espátula até obter uma creme da consistência desejada. Alguns artistas utilizam ainda uma pequena percentagem de Verniz Damar no fabrico o que confere à tinta outra atitude na secagem e no brilho final. Na imagem abaixo um pormenor de um quadro meu a Óleo sobre tela com 100 X 70 cm pintado em 2014 com tintas artesanais da marca nacional D'arte Cor.

A Sanguínea

Modernos lápis de Sanguínea, acima, e frasco com pó de sanguínea ao lado, para aplicar a pincel ou com esfuminho.

É sobretudo "giz vermelho", mistura de caulino e hematite tem um tom castanho-avermelhado escuro, semelhante à terracota, existe numa só dureza e apresentava-se em barra ou pau de giz. Hoje ainda existe no mercado com esta forma, mas também em pó ou na forma de lápis.
Conhecida desde a antiguidade, a sanguínea começa a ser usada por volta de 1500. É na Renascença e no Barroco que artistas como Leonardo da Vinci, Rafael e Rubens usam a sanguínea de uma forma notável. Os efeitos de "sfumato" que empregaram são admiráveis. Os artistas italianos usaram imenso a sanguínea, quer isoladamente, quer combinada com outros materiais, especialmente com o carvão que nos dá um trabalho de rara beleza, mas também com o giz branco. A sua cor quente e suave será talvez a razão para ter sido empregue no desenho de representação do nu através da história. Foi no século XVI usada também abundantemente em retratos.

A sanguínea deve ser fixada, embora neste caso apenas com uma camada suave de fixador apropriado para pastel seco. Normalmente escurece com o efeito do fixador.



O Bistre

Utilizado no passado para apontamentos, estudos, esboços e aguadas. O Bistre consiste, na fórmula original, em cinza de madeira de Faia queimada e amassada com goma-arábica, esta cinza contém alcatrão, fuligem e resina. A sua cor é de um castanho, pardo, ocre. Esta tinta usou-se desde a idade média até meados do século XIX, altura em que foi substituída pelo Sépia.
Atualmente a fórmula original não se fabrica mas ficou-lhe o nome para os saudosistas até em algumas cores modernas de aguarela que a substituem pelo castanho Van Dick ou Terra de Cassel.

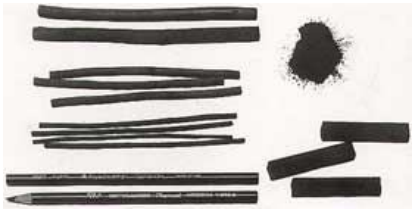
Apresentava-se na forma original como pedaços sólidos que se dissolviam com água como acontece hoje com a moderna aguarela.

Na imagem abaixo um desenho de Rembrandt de 1657, pintado com Bistre e intitulado " Saul e os seus pajens na Caixa da fortuna de Endor".

A Sépia

Tal como a Sanguínea, existe na forma de "giz", castanho-escuro, cujos pigmentos são extraídos da tinta do choco, um molusco, e misturados com caulino. Usa-se no desenho da mesma forma que a sanguínea, o giz branco e o carvão. Frequentemente, estas quatro cores entram juntas em trabalhos artísticos. A sépia foi usada pelos artistas ao longo da história para desenhar sobretudo paisagem. Pode ser diluída com água ou misturada no decurso de aguadas e aguarelas, embora de forma controlada para não se perderem as caraterísticas dos vários materiais.
Hoje no mercado vende-se em bastão de giz, lápis e pó, como mostra a imagem ao lado para ser trabalhada a esfuminho ou pincel.
Na forma de tinta líquida de Sépia foi criada pelo alemão Seydelmann, o qual juntou a fuligem ao líquido castanho-escuro que se extrai da bolsa do choco, obtendo assim uma tinta de um tom escuro. Sépia é o nome dado a este molusco em alguns países, daí advém o nome desta tinta e desta cor.
No início do século XIX o " lavis" (aguada de sépia) esteve muito na moda e foi profusamente empregue para desenhar. A sua técnica é semelhante à da aguarela.
Abaixo um desenho a giz Sépia e carvão de autor desconhecido.

O Carvão



O carvão é sem dúvida o material de desenho mais antigo da história. Consiste em galhos de madeira de salgueiro ou videira carbonizados. Existem em diversas espessuras e durezas. Utiliza-se para esboçar pinturas a óleo, acrílico ou Têmpera ou em grandes superfícies como cenários mas também em desenhos finamente acabados. A facilidade de esfumar com os dedos ou um esfuminho é alta e apaga-se com facilidade com borracha macia. Existe no mercado outros tipos modernos de carvão, como o Carvão Comprimido.

Estes são blocos de carvão obtidos pela redução a pó de madeira carbonizada misturada com ligante e comprimidos em forma de barra com quatro faces e ainda existem os lápis de carvão, mais modernos duros e limpos, com os quais não se tem a mesma liberdade das barras tradicionais. Os atuais lápis de carvão existem em graduações, como nos lápis de grafite, que vão do 8H ao 6B. Conheci ainda, nos anos 80, os lápis de Carvão Composto que entretanto não encontrei mais. Eram como os modernos lápis de carvão mas a sua mina era de carvão aglutinado por algum ligante gorduroso. Tinham a sua utilidade, de um negro intenso e brilhante, diferente dos atuais.

O carvão pode entrar com resultados extraordinários, como vimos anteriormente, em trabalhos a Sanguínea ou Sépia mas também dá um bonito efeito quando aguarelado como no autoretrato de Picasso de 1902 abaixo à direita. Na imagem da esquerda um estudo a carvão de José Malhoa de 1910 para o quadro "O Fado".

A Ponta de Prata

Um utensílio tão banal nos dias de hoje, como o lápis, nem sempre existiu e os artistas da antiguidade (Rafael, Leonardo...) tinham de recorrer a outras técnicas para riscar e desenhar. A ponta de prata era uma delas. É um "lápis" de ponta metálica, prata, ouro ou chumbo que deixa um desenho suave e permanente sobre o papel. À que ter bom domínio no desenho pois não permite apagar. A atual marca austríaca, Cretacolor, que lentamente se tem vindo a afirmar no mundo das artes como uma marca de confiança virada sobretudo para o desenho, vende este instrumento. Ele consiste num cabo de madeira com ponteira afiada mas romba de cerca 10 milímetros em prata. Também pode ser construído de forma artesanal com ponteira de chumbo ou prata pura. Ao que tudo indica a prata foi sempre o metal mais utilizado, já que menos caro que o ouro e mais valioso que o chumbo, reproduzindo uma linha mais visível que outros metais, como o cobre, por vezes também utilizado. O traço da prata escurece com o tempo. O desenho era feito sobre um esboço leve realizado a carvão que servia de guia. Por vezes o desenho era reforçado com giz branco o que o fazia realçar mas também pode ser aguarelado. A superfície do papel de desenho deve ser tratada com alguma imprimação, atualmente pode ser a tinta branca acrílica, mas também se desenha a ponta de prata sobre guache, pastel, goma laca, goma-arábica etc. Abaixo, à esquerda, um desenho de Leonardo Da Vinci e à direita um de Rafael, ambos a ponta de prata.

A Pedra Negra

É basicamente uma pedra negra natural de xisto argiloso, contendo partículas de carbono que lhe dão o tom escuro que vai do cinzento ao negro. Foi muito utilizada no desenho na Idade Média e no renascimento. Eram os lápis da altura. É muito macia e parte-se com facilidade.
Muitos artistas italianos, como Botticeli e Rafael, usaram a "pedra negra" da mesma forma que usavam o carvão, ou a sanguínea, com esfuminhos para a misturar e espalhar no desenho, criando assim jogos de claro-escuro notáveis. Foi também muito utilizada em papéis de cor e em conjunto com giz branco. Na realidade não existe muita diferença do grafite moderno embora seja de um negro menos "metálico".

A marca europeia Koh-I-Noor, assim como a Cretacolor, fabricam um lápis do tipo convencional com mina de pedra negra e fabricam também um estojo artístico que inclui 6 minas de 5,6mm com: pedra negra, carvão, sépia, sanguínea, branco e sépia escuro, incluindo um porta minas como este meu na imagem ao lado. Uma verdadeira joia para os amantes do desenho que têm assim 6 minas para os mais variados trabalhos num estojo portátil.

Acima o meu Porta minas com mina "Pedra negra". À direita desenho a pedra negra de Vincenzo Camuccini do ano 1800 e abaixo uma cabeça desenhada por Leonardo da Vinci.

A Aguarela

A aguarela não é uma invenção recente, pensa-se que surgiu na china há cerca de 2000 anos. As primeiras evidências ocidentais do uso da aguarela surgem com Tadeo Gaddi, discípulo de Giotto, cerca do ano de 1300. A aguarela é basicamente um pigmento com goma-arábica como aglutinante, por vezes com glicerina e mel de abelha. Existe no mercado em líquido, em tubos e godés, sendo este último, o mais utilizado, assim como o mais prático. As técnicas de pintura são duas, sobre papel húmido e sobre papel seco mas sempre começando pelas cores mais claras, escurecendo os tons gradualmente.

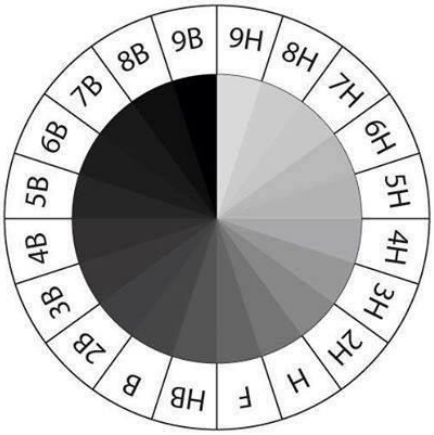
Embora a aguarela seja principalmente uma técnica de pintura é também usada para desenhar e ilustrar ou trabalhar em conjunto com materiais variados de desenho.
É uma técnica com alguma dificuldade e que exige uma aprendizagem demorada por forma a conseguir resultados de qualidade. As cores são suaves e transparentes por isso a ilusão da realidade é superior a qualquer outra técnica quando nas mãos de um artista, como na imagem abaixo, um trabalho do meu conterrâneo Francisco Charneca, um verdadeiro mestre desta técnica.

O Aguaccio

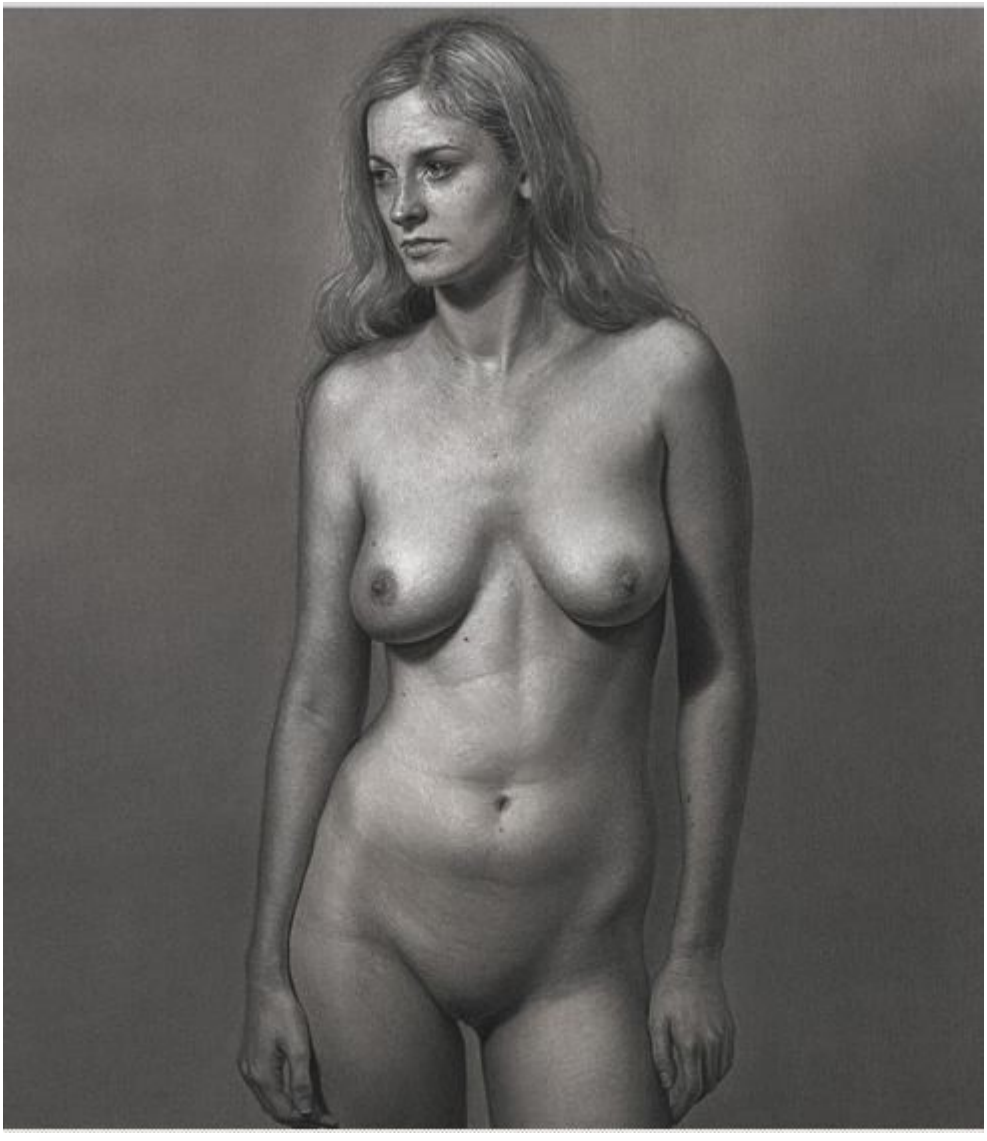
O Aguaccio é nem mais nem menos que o nome antigo para o Guache, como todos o conhecemos. Em alguns países é chamado têmpera o que pode criar alguma confusão com a antiga têmpera de ovo. O Guache, tal como a Aguarela, fabrica-se de maneira idêntica, no entanto o Guache é opaco quando aplicado em pintura. Na sua composição entra a goma-arábica, o xarope de açúcar, água destilada e 10% de pó de talco ou branco opaco para a quantidade de pigmento utilizado.

A utilização também é algo diferente, aqui começa-se por pintar as cores mais escuras e vai-se aclarando gradualmente. Geralmente pintam-se as cores separadas e só depois de secas se esfumam com um pincel macio semi-húmido, varrendo lentamente uma cor sobre a outra para criar as esfumaturas e fundir as cores. Na imagem abaixo uma obra de Joseph Sapulich a guache, que em tudo pode ter a aparência da pintura a óleo.

O Lápis de Grafite



É o material de desenho por excelência nunca destronado por nenhum outro material. Quando se fala de lápis de grafite, ele é já sinónimo de desenho em si.
A grafite foi descoberta na Baviera por volta de 1400, não lhe tendo sido dado na época o devido valor. Foi no entanto na região inglesa de Cumberland em 1565 inventado o riscador de grafite, graças à descoberta de uma filão, embora os primeiros a idealizar o invólucro em madeira para acolher a mina, tenham sido, muito mais tarde, um casal italiano, Simonio e Lyndiana Bernacotti.
Sem dúvida, a princípio, se preferiu utilizar a grafite para outros fins já que era um mineral estratégico para o exército britânico, mesmo assim a Inglaterra teve o monopólio dos lápis até meados do século XIX.
Entretanto já no século XVIII tanto na Alemanha por Kaspar Faber em 1761, na Áustria por o senhor Hardtmuth em 1790, como em França por Conté em 1795, se começaram a fabricar lápis fora do Reino Unido. Nesta altura por invenção de Conté e a pedido de Napoleão, misturou-se a grafite com argila e água que depois de cozida nos dava a conhecida mina de grafite nos diferentes graus de dureza que modernamente conhecemos.



Desenho a grafite e giz branco sobre papel, do artista Dirk Dzimirsky.

O Lápis-de-Espanha

O Lápis-de-Espanha ou Hespanha como era chamado no século XIX, era um lápis mineral que foi por muito tempo o meio adotado para o estudo do desenho nas academias e escolas de arte, entretanto desaparecido e suplantado pelo seu sucessor, o Crayon, o qual na atualidade também já não existe.
O desenhador, na elaboração do desenho a lápis-de-Espanha, ia reforçando gradualmente as sombras por meio de agrupados traços sobrepostos e cruzados entre si, criando uma "trama" pois este lápis, devido à sua dureza, não apresentava um negro intenso. O processo usado na gravura sobre placa de metal onde se desenha a buril, dá uma ideia bastante aproximada da semelhança do trabalho final.
Compreendeu-se então que um processo tão limitado quanto metódico do Lápis-de-Hespanha, útil quando muito para o estudo da gravura em metal, não tardasse em ceder o lugar a um material mais solto como o Crayon, capaz de um trabalho mais moderno e artístico em voga em finais do século XIX, visto facultar ao artista recursos imitativos tão abundantes e eficazes para a reprodução artística e verdadeira dos projetos.

Infelizmente não tenho imagens desses lápis já desaparecidos, fica este texto baseado num estudo de 1889 e que o explicava assim como este desenho.

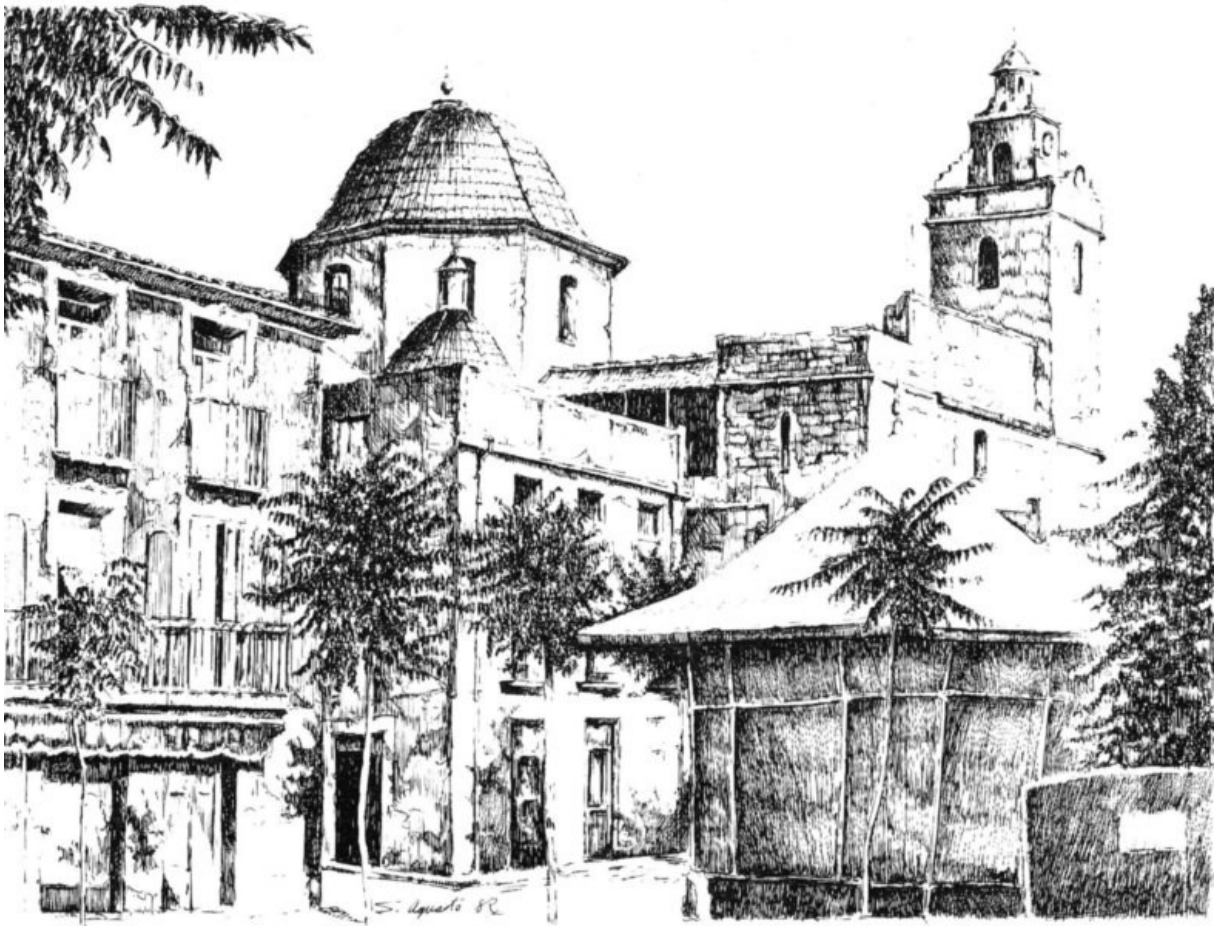
O Crayon

Quando o Crayon veio substituir em absoluto o lápis-de-hespanha, o processo de trabalho dos artistas, fruto do hábito, foi idêntico durante algum tempo, baseado no tracejado, até se compreender as vantagens do substituto em relação ao substituído.
Este material é sobretudo um bastão calcário de Cré Preto. Tem o comprimento de 5 centímetros e apresenta-se como uma barra de quatro faces, muito similar ao giz ou pastel seco da atualidade.
Estes "lápis" eram afiados com canivete ou lâmina e existiam em três graus de dureza. Numero 1 como sendo o mais duro que servia para esboçar o desenho e os mais macios, o 2 e o 3, para a pintura e fazer os degradês. Na imagem ao lado, uns Crayons mais recentes produzidos nos Estados Unidos, mostram-nos uma graduação diferente de 6 intensidades, sendo o zero o mais softe o cinco o mais rijo. O resultado do desenho assemelha-se a um trabalho a carvão.
Existia já em finais do século XIX um porta minas próprio para estes "Crayons".
Com a ajuda de uma lixa também se obtinha o pó destes lápis ao que chamavam "negrão" que servia para impregnar os esfuminhos e com eles modelar as massas.

A Tinta da China

A tinta da china, como o nome indica, veio efetivamente da China. Tem uma tradição de vários séculos na caligrafia e pintura chinesa e japonesa. Originalmente era fabricada a partir de óleos vegetais carbonizados. É muito negra, tem grande poder de cobertura e quando seca é permanente.
Existe no mercado na forma líquida ou em bonitos lingotes, moldados com baixos-relevos tradicionais da cultura chinesa, vendidos em estojos que se fazem acompanhar de um pincel e um godé. Estes lingotes utilizam-se diluindo-os com o pincel molhado como se faz com a aguarela. Encontra-se à venda outra modalidade, em pequenos tubos ou frascos com um bico que permite depositá-la diretamente em aparos, tira-linhas e canetas estilográficas, as modernas Isograph e Rapidograph fabricadas pela Rotring, como veremos mais à frente.

Uma outra espécie de tinta negra, é feita há vários séculos na Europa a partir de fuligem misturada com uma solução de goma-arábica.
Como a tinta de Sépia, o Bistre e o Indigo, a tinta da china foi muito utilizada no passado em apontamentos e trabalhos acabado, sendo um ótimo material de desenho técnico e artístico, mas também de escrita.



A Aguada

A aguada consiste na diluição de uma tinta em água conseguindo assim, com a mesma tonalidade, uma intensidade que vai do quase transparente incolor à cor opaca, juntando mais ou menos água onde o modelo o requeira para conseguir o modelado. Por último aplica-se a cor pura e alguns toques de branco, giz ou guache, para os brilhos.
A tinta da china é adequada a esta técnica. No princípio utilizei-a em retratos e paisagens.
O papel é o normalmente utilizado para a aguarela e como se trabalha sempre sobre papel húmido, o papel deve ser preparado posteriormente para não ficar empolado ao secar.
Assim. Quando se pinta sem a preparação prévia do papel e vamos humedecendo por partes, ao secar o papel fica ondulado pois as suas fibras ao receberem mais ou menos água se dilatam mais nuns pontos que em outros, nunca por igual. Para evitar este problema há que molhar o papel na totalidade e cola-lo numa prancheta de madeira preso pelas extremidades com fita-cola. Fica a secar na posição horizontal. Depois disso é possível pintar. É possível que volte a ficar ondulado enquanto humedecido com a pintura, mas volta a ficar plano depois de seco devido ao tratamento inicial.
Não há muitos anos a marca nacional Viarco inventou a grafite aguarelável, hoje existe em todas as marcas em forma de lápis, no entanto a nossa Viarco não se limitou a ficar por aí e lançou uma caixa redonda metálica de aguarela sólida de grafite, assim como outros produtos inovadores em torno a este material. Muito útil para aguadas ou pintura num género de "aguarela" a uma só cor (grafite), que depois de seco pode ser apagado como o lápis convencional, para abrir brilhos, e pode ainda ser utilizada juntamente com outros lápis. Acima o grafite aguarelável, ArtGraf, da Viarco, abaixo uma pintura a aguada de Tinta da China.

O Pastel Seco

Alguns grandes artistas do passado usaram no desenho certos tipos de giz, principalmente branco, a par da sanguínea, sépia e pedra negra. Era um material duro, constituído por pigmento em pó misturado com óleo ou cera. Hoje em dia este giz deixou de ser utilizado.
Existem atualmente materiais com caraterísticas semelhantes, o pastel seco. Este é constituído por pigmentos em pó, aglutinados numa mistura de resina ou cola e moldados em forma de barra. Quanto mais cola tiver a mistura, mais duros e menos brilhantes se tornam os pastéis.
Num trabalho a pastel utiliza-se o esfuminho e é imprescindível a fixação do desenho com um fixador apropriado em spray.
Nos dias de hoje a gama cromática de pastéis é enorme, com tons suaves muito atraentes, têm apenas um inconveniente; uma vez depositados no papel existe alguma dificuldade em apagar sem se deixar vestígios. São muito usados papéis coloridos mas pode ser utilizado sobre qualquer um ou até mesmo sobre tela ou madeira.
Muitas vezes utilizei em retratos a pastel sépia ou a preto sobre papel Canson colorido, apontamentos de pastel branco nos brilhos, o que lhe confere um efeito muito atraente.
Muito recentemente aparece no mercado o Panpastel. São pastilhas de pó prensado com alto poder de coloração que se aplica com uma esponja montada num cabo e que têm a forma de uma colher de pedreiro ou até de espátula de pintura e com a qual se desenha e pinta.

Pintura a pastel seco de Ruben Belloso sobre madeira.

O Pastel de Óleo

O aspeto do pastel de óleo é sobretudo de uma barra cilíndrica, sendo esta envolta em papel.
Os pastéis de óleo são fabricados com uma mistura de pigmento e óleo. Existem desde os anos 60 e vendem-se em caixas ou avulso numa grande variedade de cores sendo geralmente macios o que facilita o trabalho de esfumatura e a mistura de cores.
Aderem com facilidade ao papel, deposita-se numa camada mais grossa e pastosa ou mais fina, conforme se pretender. São opacos e permitem possíveis correções no trabalho, raspando com uma lâmina, retirando o pastel de determinada zona e cobrindo de novo com a cor pretendida.
É possível ainda, no decurso do trabalho, diluí-los e mistura-los com um pincel embebido em terebintina ou em associação com outros materiais como por exemplo um fundo pintado a acrílico. Quase todos os papéis são bons suportes, no entanto devem ter algum corpo ou gramagem.

O Lápis de cera

O lápis de cera, ao contrário do que se possa pensar, não é só utilizado nos jardins infantis e escolas primárias, também se podem utilizar em trabalhos profissionais.
A sua composição é basicamente pigmento com cera virgem de abelha e parafina,
Quando se aplica sobre o papel para pintar, a cobertura não é a melhor, pois a sua dureza não o deixa penetrar nos poros do papel, no entanto também eles têm uma técnica para serem utilizados de modo profissional, o que consiste em humedecer o dedo ou um pincel em benzina, terebintina ou outro diluente não gorduroso e esfumar a cor ou misturar as cores (como se faz com o pincel sobre o guache seco).
Este diluente vai amolecer a cera e fundi-la no papel com as outras cores. O resultado final é muito bom, brilhante e durável.

O Lápis de cor

O lápis de cor é o primeiro contacto que as crianças têm com o desenho, talvez por isso não tenham sido tidos em consideração durante muito tempo pelos artistas profissionais. Mas tudo mudou e hoje em dia, artistas de todo o mundo, os usam para trabalhos de alto valor cromático. As marcas mais conhecidas também contribuíram para isso, lançando estojos luxuosos especialmente destinados a artistas, com grande número de cores, algumas chegando mesmo, e passando, a centena de lápis.

Na atualidade, tal como aconteceu com a grafite, a novidade são os lápis de cor aguareláveis, o que permite um trabalho misto de desenho e pintura a aguarela.

A boa qualidade de um lápis de cor é fundamental para o êxito de um trabalho. Bem utilizados podem produzir trabalhos notáveis. Vivem sobretudo das misturas e sobreposições de cores que valorizam o cromatismo.

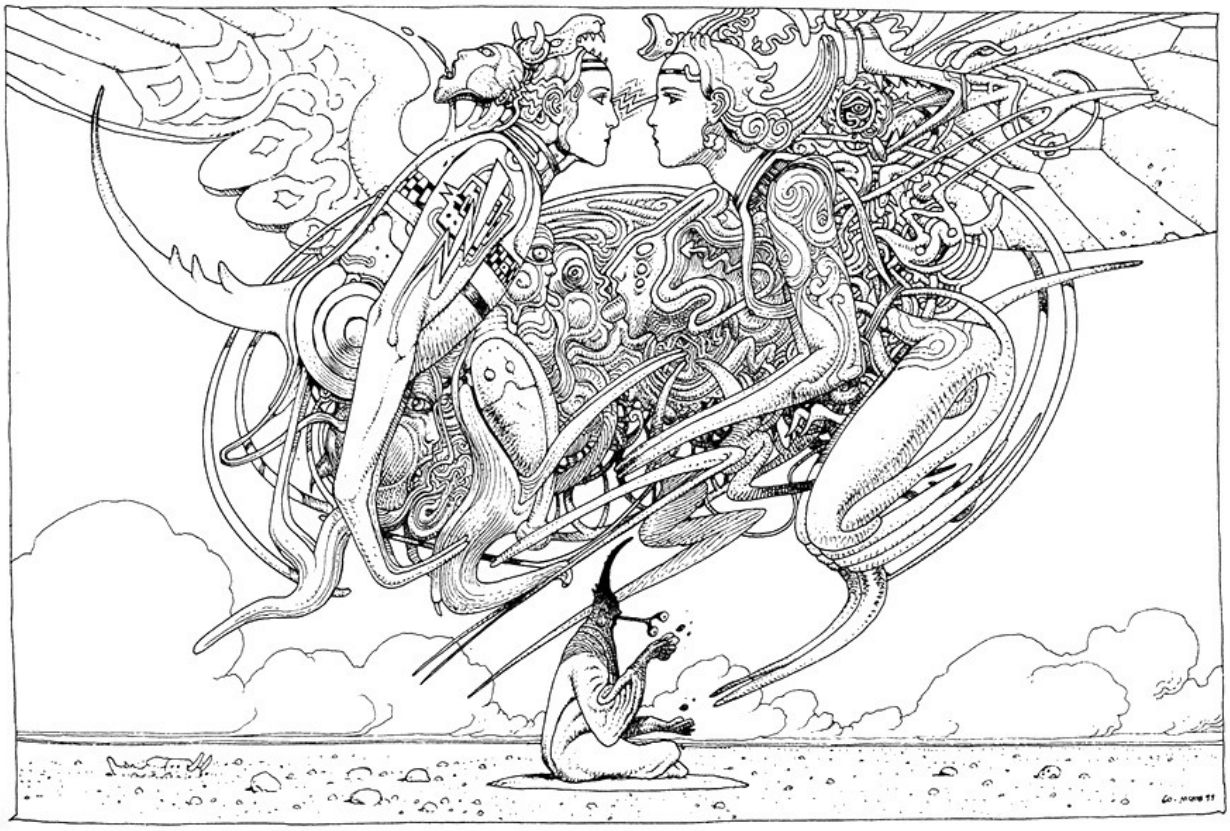
A Caneta Técnica ou Estilográfica

A Caneta Isograph e a Rapidograph da Rotring foram desenvolvidas na Alemanha para o desenho técnico mas rapidamente passaram para as mãos de outros artistas como gráficos e até ilustradores de Banda Desenhada. Moebius, desenhador francês de BD, entre muitos outros, utilizou-a muito nas séries modernas de Ficção Científica e que pediam um traço sem alteração, frio, limpo e contínuo. A diferença entre uma e outra é que a Rapidograph utiliza cartuchos de tinta da china já prontos e cheios, enquanto a Isograph tem um contentor para encher com a quantidade desejada. De resto não existe diferença entre elas. Aconselho a Isograph pois podemos utilizar só a quantidade de tinta da china necessária.

Estas canetas são vendidas com ponteiras de diferentes espessuras que vão do 0,10 ao 2,0 mm, para cada espessura corresponde uma cor. A desvantagem é que, sempre que são utilizadas, é necessário desmonta-las e lava-las, daí por vezes, para trabalhos esporádicos, a Isograph ser a mais aconselhável, de todas as maneiras vieram suplantar o velhinho aparo de aço.

A ponteira é basicamente um tubo metálico com um fio capilar em aço no interior que, com um diâmetro estudado em relação ao tubo, vai permitindo o doseamento da tinta sem que esta escorra para além do necessário.

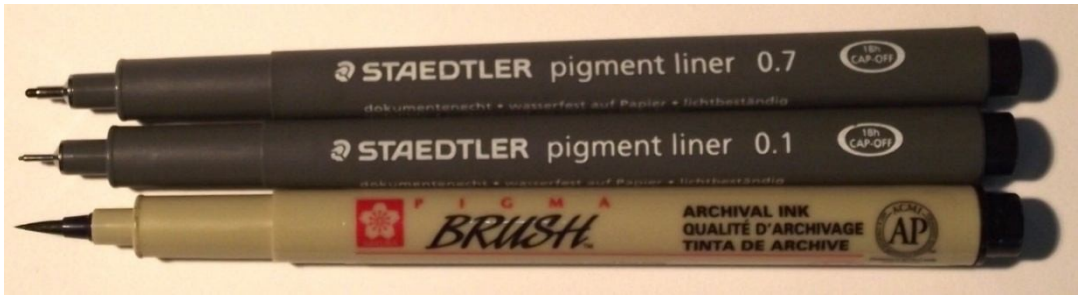
Abaixo um magnífico desenho de Moebius.

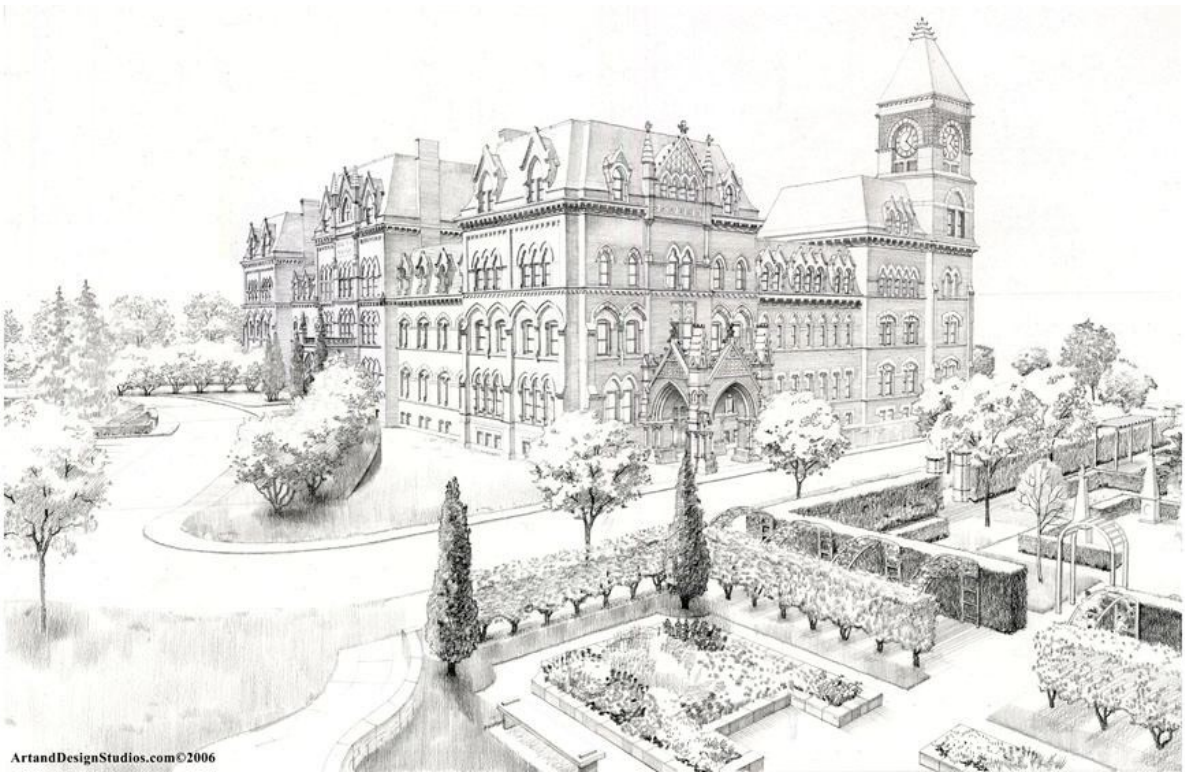


O marcador de desenho

As tradicionais canetas de feltro foram desenvolvidas no Japão nos anos 60 sendo as primeiras unicamente a preto, mais tarde chegaram as cores. Durante anos muito dirigidas para as escolas. Hoje existem em formato de marcadores com ponta redonda ou espatulada e fabricadas por marcas vocacionadas para artistas. A gama de cores é muito grande sendo a sua tinta feita a partir de pigmentos misturados numa solução de álcool ou "xylen". No entanto têm desvantagens, a cor não é durável quando exposta à luz pelo que não são muito adequadas a trabalhos finais.
Neste apartado quero falar não das canetas de feltro ou marcadores de pintura mas das novas canetas que vieram substituir a Rapidograph ou a Isograph já vistas anteriormente.
Estes modernos marcadores pretos existem com ponteiras de diversas espessuras que vão do 0,05 ao 0,8 mm, na imagem anexa podemos ver a de 0,1 e de 0,7 mm. Eles são o que de melhor temos na atualidade tanto para ilustração e desenho geral como para a moderna Banda Desenhada ou até para apontamentos no Sketchbook do dia a dia.
O traço é constante e sem variação como nas Isograph, no entanto esta não necessita ser recarregada nem existe a necessidade de a lavar de cada vez que se utiliza.

Existe também, mais recente, e como se pode ver na imagem, o marcador com ponteira que imita o pelo e o traço de um pincel quando se pinta a tinta da china. Esta nasceu mesmo para os mais exigentes. Com este marcador o traço deixa de ser homogéneo e adquire personalidade, o mesmo risco pode alterar a espessura como acontecia quando se desenhava com pincel e como o faziam os desenhadores ilustradores.





Produto nacional, moderno e inovador da Viarco.

2014